



QUEM FALA NO APOCALIPSE? A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA TELENOVELA *APOCALIPSE* EM RELAÇÃO AOS DISCURSOS CIENTÍFICO E RELIGIOSO

Beatriz Almeida Gabardo Traldi⁶⁸ – Universidade Estadual de Campinas

Caroline Heloisa Sapatini⁶⁹ – Universidade Paulista

Wanderson Rodrigues Morais⁷⁰ - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Resumo:

A novela é um dos grandes portais midiáticos, com grande destaque em nosso país. A forte influência dessa forma artística evidencia seu papel de agente de mediação cultural, na qual muitas áreas do conhecimento se debruçaram em conhecê-la. A referência à arte na psicanálise é constante e, apesar disso, há na arte algo que é irreduzível ao simbólico. É nessa hiância que nos colocaremos, pensando o desdobramento das práticas de entretenimento nos modos de viver e significar as relações sociais em meio uma nova era tecnológica. Foi olhado para o tensionamento encontrado na novela sobre a produção de sentidos de determinados discursos, servindo-se dele para reflexões. Em *O Triunfo da Religião* (2005a), Jacques Lacan aborda sobre o discurso religioso e outro científico. Assim compreendeu-se enquanto problemática a forma destes discursos e como eles operam na narrativa da novela. A obra artística *Apocalipse* capturou nossa atenção ao trazer uma releitura tecnológica do apocalipse bíblico e como este aconteceria na atualidade. Apoiados em princípios da Análise de Discurso materialista francesa, em nossas análises observamos a retomada por pré-construídos e efeitos de sustentação, problematizando o lugar da ciência e da fábula. Pela perspectiva psicanalítica, leu-se a cooptação do discurso científico pelo discurso religioso em sua forma padrão e em seu avesso, evidenciando o triunfo do discurso religioso como o apontado por Lacan.

Palavras-chave: Psicanálise. Análise de discurso. Novela. Memória metálica.

Abstract:

The soap opera is one of the greatest media portal with great prominence in our country. The strong influence of this artistic form highlights its role as an agent of cultural mediation, which many areas of knowledge have studied it. Psychoanalysis uses art as reference constantly, despite that there is something in art that is irreducible to the symbolic and it is in this hiatus that we will place ourselves thinking the unfolding of entertainment practices in the ways of living and signifying social relations in the midst of a new technological era. We looked at the tension found in the novel related to the production of meanings of certain speeches, using it for our reflections. In *The Triumph of Religion* (2005), Jacques Lacan addresses religious and scientific discourse. We understood as the problematic of this article the form of these speeches and how they operate in the soap opera's narrative. The soap opera *Apocalipse* captured our attention by bringing a technological reinterpretation of the biblical apocalypse and how it would happen nowadays. Supported by the principles of French Materialist Discourse Analysis, we observed in our analysis the resumption of pre-built and transverse discourses questioning the place of science and fable. From the psychoanalytic perspective, we observed the cooptation of scientific discourse by religious discourse in its standard form and in its reverse, showing the triumph of religious discourse as pointed out by Lacan.

⁶⁸Psicóloga, Especialista em Saúde Pública e Psicopedagogia, Mestranda em Ciências da Saúde pela FENf - UNICAMP e associada à Escola de Psicanálise Corpo Freudiano núcleo Vassouras. E-mail para contato: beatriz_gabardo@hotmail.com.

⁶⁹Psicóloga associada à Escola de Psicanálise Corpo Freudiano núcleo Vassouras. E-mail para contato: carolhsapatini@gmail.com.

⁷⁰ Licenciado em Ciências Biológicas pela UNESP/ Campus Ilha Solteira; Mestre em Educação para a Ciência pela UNESP/ Campus Bauru; e Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela UNICAMP. Atualmente docente temporário na UNESP/ Campus Botucatu. E-mail para contato: w.rmorais13@gmail.com.



Keywords: Psychoanalysis. Discourse analysis. Soap opera. Metallic memory.

1. Introdução e problemática

Na atualidade, ao se pensar a televisão, fica evidente a sua evolução marcada pelos avanços tecnológicos que permitiram maior interação com seus telespectadores. A produção e a oferta de conteúdos televisivos estão em constante processo adaptativo, a fim de se adequar às novas relações com os usuários, tecnologia, linguagem, estética, plataformas de conteúdo e dos novos gadgets, uma vez que a televisão deixou de ser o único meio possível de se assistir e consumir tais conteúdos. Dentro das produções televisuais, a novela é um dos grandes portais midiáticos e possui grande destaque em nosso país. A forte influência dessa forma artística evidencia seu papel de agente de mediação cultural, que pode ser percebido no estabelecimento de laços de interação, identificação e subjetivação, onde valores e significados são compartilhados pela audiência (MARQUES; LISBÔA FILHO, 2012; COELHO, 2014).

A referência à arte na psicanálise é constante; apesar disso, há na arte algo que é irreduzível ao simbólico, e é nessa hiância que nos colocaremos, vislumbrando campos distintos. É nesse encontro faltoso, que não se obtura em si, que poderemos articular ideias para vislumbrar algo novo, pensando o desdobramento das práticas de entretenimento nos modos de viver, de significar as relações sociais possibilitadas pela linguagem em seus mais distintos discursos em meio a uma nova era tecnológica e digital. A partir desse lugar, somado ainda a ideia de que é impossível e ingênuo se dizer sobre “toda a arte”, buscaremos olhar para o tensionamento encontrado na novela sobre determinados discursos, servindo-se dele para reflexões. Assim, abarcamos enquanto problemática a forma destes discursos e como eles operam na narrativa da novela enquanto uma produção artística de seres falantes.

Não insensíveis ao que se passa no horizonte histórico e ao que nos convoca enquanto sujeitos, uma obra artística capturou nossa atenção em toda sua materialidade, ideologias e tensões que carrega. A novela *Apocalypse*, produzida pela emissora RecordTV, foi reprisada em 2020, na pandemia do COVID-19, sendo que a sua primeira exibição ocorreu nos anos de 2017 e 2018. A trama traz uma releitura tecnológica e mais científica do apocalipse bíblico e como este aconteceria na atualidade.

Esta obra marca em seu enredo a luta entre o bem e o mal evidenciado no atrito entre a religião e a ciência. Munidos e impulsionados pela nossa problemática e localizados a partir de diferentes campos do saber, vislumbramos a possibilidade de uma articulação da novela *Apocalypse* com a obra *O Triunfo da Religião* (2005a), na qual o psicanalista francês Jacques



Lacan trata do discurso religioso e do discurso científico, o que compreendemos estarem operando na narrativa. No estudo da materialidade e seu funcionamento, nos apoiamos na Análise de Discurso (AD) materialista francesa, que introduz uma discussão sobre os mecanismos de determinação histórica dos processos de significação, em que o simbólico e o político são os nós centrais de suas colocações sobre a trama discursiva.

2. Questão de pesquisa, apoio teórico metodológico e procedimentos

Tendo em vista a compreensão que fazemos do jogo que se delineia entre um discurso religioso e outro científico (LACAN, 2005a) na produção artística *Apocalypse*, esta pesquisa tem como questão norteadora: como se dá a produção de sentido na telenovela *Apocalypse* no que diz respeito ao discurso religioso e o científico? Cujo objetivo principal é compreender o funcionamento discursivo na circulação destes dizeres e, secundariamente, refletir sobre o agenciamento desses discursos.

Como objeto de estudo, nos voltamos à telenovela *Apocalypse*, que foi exibida em horário nobre, cujo primeiro episódio foi lançado em meados de 2017 e seu término no meio de 2018. Assim, selecionamos dois episódios analisados para compor esse trabalho. Nessa pesquisa, encontramos apoio teórico-metodológico na AD materialista francesa, que foi iniciada por Michel Pêcheux na presença de outros interlocutores, assim como nos trabalhos de Eni Orlandi, em território nacional.

Partindo da definição de discurso enquanto efeitos de sentidos entre pontos A e B numa estrutura (PÊCHEUX, 1997), que deriva de uma formação discursiva, a qual pode ser compreendida como aquilo que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura, no qual as palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva a outra. Dessa forma, o sentido de uma palavra, uma expressão etc. não existe em si mesmo, mas é determinada em relação as posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico (PÊCHEUX, 1997; HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007).

A inscrição do sujeito em determinada formação discursiva permite sua circulação e produção de sentidos, em que um mesmo sujeito pode deslizar entre formações discursivas distintas, e as vezes até contrastantes, como é o caso das divergências entre discursividades marcadas pelo científico e o religioso. Tal processo assegura a hegemonia do discurso circulante, fortalecendo os processos de repetição e estabilização dos sentidos por ele veiculados, por um efeito da memória discursiva, aqui compreendida como “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” [...] de que a



leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Quanto a este aspecto, no que diz respeito a nova era tecnológica, também consideramos importante a noção de memória metálica proposta por Orlandi (2010), como sendo aquela “produzida pela mídia, pelas novas tecnologias de linguagem. A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador, etc.)” (ORLANDI, 2010, p. 9), caracterizada pelo acúmulo, a repetição e a quantidade, no qual o que foi dito aqui e ali, e mais além, se junta formando uma rede de filiação. Assim, a relação que podemos pensar sobre a memória discursiva e a memória metálica, é justamente sobre os processos de (re)significação dos sentidos, que a partir da instância de constituição (memória discursiva), se replica, se atualiza indefinidamente na instância de circulação (memória metálica) em que os sentidos podem vir a ser outros.

Considerando os “implícitos” restabelecidos pela memória discursiva, estes dizem respeito aos elementos determinantes do discurso e seu funcionamento, tais como o pré-construído e os discursos transversos (ou efeitos de sustentação). O efeito de pré-construído é o que remete a uma construção anterior, fora do enunciado, permitindo outros dizeres. Já o efeito de sustentação, é o que constitui o sujeito em sua relação com o sentido, sendo observado como um efeito de incidência explicativa do discurso (PÊCHEUX, 2014).

O trabalho sob a perspectiva da AD se volta à espessura semântica de uma materialidade, em compreender o seu funcionamento, a produção de sentidos. Dessa forma, além das noções de AD apresentadas, do breve contexto de produção da telenovela *Apocalypse*, da questão de pesquisa e os objetivos elencados, lançamos mão dos conceitos desenvolvidos na obra de Jacques Lacan (2005a), *O Triunfo da Religião*, para constituição de um dispositivo de leitura que atenda à finalidade deste trabalho.

No ano de 1960, Lacan fez conferências públicas na Universidade Católica de Bruxelas e, em 1974, foi entrevistado por jornalistas italianos em Roma, no Centro Cultural Francês. Anos depois, estas produções orais foram compiladas em um texto e publicado como livro: “O triunfo da religião precedido de discurso aos católicos” (LACAN, 2005a). A escolha desse texto não se deu ao acaso (como nada se dá na psicanálise). Nesta obra, compilada por Jacques-Alain Miller, Lacan fez apontamentos sobre o discurso psicanalítico, além do discurso religioso e científico, o que se relaciona ao que temos construído enquanto problemática desta produção.

No texto, Lacan trilha um caminho sobre a origem da verdade do sujeito na estrutura e na impossibilidade de inscrição desse real. Quando questionado, o autor marca e chama a atenção



para o imensurável poder da religião, pontuando que esta triunfará sobre todas as coisas, inclusive sobre a própria psicanálise, cabendo a esta apenas tentar sobreviver. O discurso religioso, na sua habilidade de prover sentido para toda e qualquer coisa fomenta o triunfo da religião, inclusive sobre a própria ciência. À medida que o discurso científico circula produzindo reviravoltas, o discurso religioso opera a partir deste seu poder, ofertando sentidos e apaziguando corações (LACAN, 2005a).

Partindo da lógica psicanalítica, o discurso é aquilo se que dá para além de apenas palavras e apresenta um nexo de sociabilidade, ou seja, laço social. Diante disso, tendo em vista os registros da psicanálise lacaniana, tem-se o discurso da psicanálise, que se fundamenta no inconsciente, sendo este um elemento do real; o discurso da ciência, onde marca seu fundamento na dúvida, sendo esta um elemento do simbólico; e o discurso da religião fundamentado na certeza, elemento este pertencente ao imaginário. Lacan (2005a), ao contextualizar o surgimento da psicanálise a partir da subversão do sujeito do discurso científico, demonstra que a ciência faz borda com o real, e, no momento em que essa borda é cruzada, caminha-se para o outro registro, do simbólico. Desta forma, o que fica evidente no campo da ciência é a instituição de sentidos que inclui a dúvida, em outras palavras, o não-todo. (LACAN, 2005b; ESTEVÃO, 2016).

Ao falar de ciência e de seus desdobramentos frente aos outros discursos, nota-se na obra de Lacan (2005a) que o discurso científico se relaciona com o discurso religioso, uma vez que a ciência tem como produto questionamentos e dúvidas, o que pode gerar angústia e provocações perturbadoras. Frente a isso, o discurso religioso se apresenta para “dar um sentido a todas as reviravoltas introduzidas pela ciência” (LACAN, 2005a, p. 65), de forma que tal sentido tenha a intenção de abrandar os efeitos dos questionamentos científicos.

Com base no exposto e diante dos capítulos da telenovela, procuramos evidenciar os mecanismos discursivos nos recortes realizados.

3. Efeitos de sentidos na telenovela

O primeiro recorte que fizemos é no capítulo 21 da novela em análise, em que há um breve diálogo entre o cientista astrofísico Uri Gudman e a jornalista Zoe Santero, a respeito de um asteroide que irá se colidir com o planeta Terra, causando grandes catástrofes. No trecho, observamos uma tensão no discurso das personagens, que partindo de posições distintas, evidenciam um atrito entre o religioso e o científico:



[Zoe] Eu não poderia imaginar que o perigo estava tão próximo. Quer dizer, teoricamente, assim, eu sabia. **Mas ter uma comprovação científica já é uma outra história, não é?**

[Uri] É pois é. Talvez, a gente esteja próximo do fim do mundo. Do “mundo” que a gente conhece.

[Zoe] Estamos próximos do apocalipse.

[Uri] É, o apocalipse é uma ficção inventada para apavorar a humanidade, botar as pessoas na linha. Mas se você quiser usar essa alegoria, podemos dizer que estamos perto sim.

[Zoe] Você... Acha mesmo que é ficção?

[Uri] **Uma jornalista bem informada como você não vai acreditar no conto da carochinha.**

[Zoe] Eu acredito sim que a bíblia é a palavra de deus, não acho que seja nenhum conto da carochinha.

[Uri] **Bom... Cada um com sua crença. Eu prefiro acreditar na ciência, que pode ser comprovada totalmente** (RECORDTV, 2020a, 14m00s-15m07s, grifo nosso).

Neste trecho é possível identificar indícios na última fala de Uri sobre uma validação da atividade científica, quando este afirma: “Bom... Cada um com sua crença. Eu prefiro acreditar na ciência, que pode ser comprovada totalmente” (RECORDTV, 2020, 15m00s), no qual o trecho destacado funciona enquanto um discurso-transverso imprimindo efeitos de verdade ao discurso científico, cuja veracidade é tangível e testada. Neste movimento, observamos que a primeira fala de Zoe exibe um reconhecimento sobre o efeito de verdade da Ciência, quando afirma “[...] Mas ter uma comprovação científica já é uma outra história, não é?” (RECORDTV, 2020, 14m10s).

Também observamos uma tensão entre a repetição dos termos: “fim do mundo”, “apocalipse”, “ficção”, “alegoria” e “conto da carochinha”, sobretudo ao contraste das palavras “fim do mundo/apocalipse”, que parecem assumir um sentido diferente dada a posição dos sujeitos que enunciam. Ao passo que o astrofísico estabelece uma relação entre perigo e fim do mundo, dado ao percurso do asteroide a caminho da Terra, a jornalista associa o fim do mundo ao apocalipse, como um efeito de pré-construído, enquanto representação de um dos capítulos de uma narrativa bíblica supostamente redigida pelo apóstolo “João Batista” em uma revelação angelical, com dizeres sobre a aproximação do “fim dos tempos”.

Tendo em vista a própria construção das personagens na novela, e a memória discursiva enquanto nível de constituição de sentidos, Uri compreende o apocalipse enquanto ficção ou alegoria, nada mais que um “conto da carochinha”, havendo aí outro pré-construído em referência a aquilo que é fantasioso. A expressão “Conto da Carochinha” foi retomada na obra do escritor Figueiredo Pimentel, que em 1894, por meio da editora Quaresma, lançou a coletânea Biblioteca Infantil, na qual o livro *Contos da Carochinha* reunia diversos contos populares, em que a intenção do escritor era “ênfatizar que o volume se consistia em uma



reunião de contos já conhecidos, passados de geração em geração. A expressão carochinha refere-se comumente a uma mulher idosa que gosta de contar histórias” (SOUZA, 2017, p. 18).

A associação do termo apocalipse ao “conto da carochinha” por Uri guarda mais um funcionamento discursivo interessante. Ao afirmar: “[...] Uma jornalista bem informada como você não vai acreditar no conto da carochinha” (RECORDTV, 2020, 14m42s), identificamos outro efeito de sustentação, em destaque, que garante ao sujeito “bem informado”, possuidor do conhecimento, a capacidade de discernir entre um conto infantil e a realidade. Dada a origem da palavra apocalipse no discurso religioso, sua circulação é posta à margem da racionalidade, enquanto fábula, ficção ou alegoria, como o próprio astrofísico a define.

Temos nesta passagem uma colocação importante trazida entre o discurso religioso e o científico. Ao questionar a posição do discurso religioso, o cientista provoca na personagem Zoe uma dúvida, característica do discurso científico. Esta dúvida é rapidamente preenchida de sentido pela posição da religião, quando a personagem Zoe traz sua crença no livro bíblico e coloca o fim do mundo associado com o Apocalipse, não como uma ficção. Lacan nos mostra em sua obra *O Triunfo da Religião* (LACAN, 2005a) que é característica da religião dar sentido aos questionamentos e aplacar angústias advindas dessa aproximação do real, ou seja, do não simbolizável da condição mortal que sentencia a morte a todo ser falante, sendo este o apocalipse iminente de todos os seres humanos, do qual todos nós temos que nos haver simbolicamente a partir da linguagem e na interação com os outros.

Outro capítulo de nosso interesse diz respeito aos momentos que o antagonista e empresário Ricardo Montana apresenta a “tatuagem inteligente” como proposta de um governo único no planeta Terra, uma marca digital implantada no corpo das pessoas que garante acesso a serviços essenciais. A marca também coloca em funcionamento uma moeda única, de crédito ilimitado para seu usuário, em troca do controle total de suas informações. A cena 119 traz o pronunciamento do então considerado “anticristo” e as tensões que provoca na população sobre o assujeitamento à nova tecnologia. Trazemos a fala de Ricardo Montana:

[Ricardo] Eu falo do espírito vingativo de um deus que se recusa a aceitar que não tem mais lugar neste novo mundo criado por nós, um mundo sem a brutalidade que foi a sua marca ao longo da história[...] Invés dessa marca, eu trago ao mundo uma outra, que sinaliza para um novo tempo de paz, bem-estar e prosperidade. Aos que escolherem receber essa marca, serão garantidos direitos básicos como educação, saúde, trabalho, moradia, comida e água. Tudo aquilo que ao longo de toda história da humanidade esse deus negou aos seres que alega ter criado [...] Uma mudança radical na história da humanidade está acontecendo, e aqueles que aceitarem a marca finalmente poderão ter uma vida justa e digna. Enquanto isso, o quê que esse deus deu a vocês até agora? Eu sou o deus que supre, o deus que vocês podem tocar e ver, eu sou real, não uma fábula. Pensem e decidam com liberdade e responsabilidade (RECORDTV, 2020, 16m54s-19m16s).



A ocasião da fala de Ricardo Montana é após um grande terremoto que atingiu Israel, única nação que não aceitou receber a “marca da besta”, como é referida pelo núcleo protagonista da novela. No trecho: “Eu falo do espírito vingativo de um deus que se recusa a aceitar que não tem mais lugar neste novo mundo criado por nós, um mundo sem a brutalidade que foi a sua marca ao longo da história” (RECORDTV, 2020, 16m54s), o efeito de sustentação em destaque marca a natureza rebelde do deus vingativo, a da recusa, e estabelece um contraste com a proposta de Ricardo. É interessante pensar o movimento que leva o empresário, idealizador de um aparato tecnológico revolucionário, a se colocar no papel de um “deus que supre” e “é real”, em oposição à fábula. Sendo a fábula o fantasioso, a ancoragem da discórdia, da intolerância e da negação dos direitos básicos se faz sobre a história, o trabalho dos próprios homens.

As falas de Ricardo sobre um deus brutal associamos ao próprio inconsciente, aquele que recusa a repressão completa, que faz irromper o sujeito do desejo na linguagem, por meio dos lapsos, atos falhos, chistes e sonhos (LACAN, 2005a). O inconsciente é esse deus, como na fala do anticristo, que se recusa a “não ter mais lugar” (RECORDTV, 2020, 16m57s) e que insistentemente faz presença nas suas mais diferentes formações à revelia da consciência. O inconsciente, enquanto portador da verdade do sujeito, comporta a sua radicalização, sua singularidade. Essa condição do sujeito do inconsciente que é cindido, porém único, surge como impeditivo a oferta de sentidos unânimes pela religião, a individualização desse sujeito na noção de indivíduo, senhor de si e de sua consciência. Desta forma, o inconsciente em seu funcionamento à revelia do sujeito que fala faz resvalar e relativiza os sentidos soberanos que o discurso religioso oferta (LACAN, 2005a).

Algo interessante de se ressaltar é que Ricardo é agenciado pelo discurso científico, fazendo uso dele para se colocar como um novo deus. O discurso religioso, operante na lógica da narrativa da novela, também faz uso do discurso científico, se usando dele esvaziado para se justificar, assim como também aponta o discurso científico como aquilo que é ruim, que advém do mau, do anticristo. Em nossa leitura, nos parece claro a cooptação do discurso científico pelo discurso religioso em sua forma padrão e em seu avesso.

Fomos convocados, através do significante “marca”, a pensar na questão do traço unário, sendo este a marca essencial da constituição do sujeito para a psicanálise. A formulação a respeito do traço unário leva em consideração que este esteja ligado a uma marcação primeira no surgimento do sujeito do inconsciente, frente ao significante. Além disso, as colocações de Lacan apontam que todo significante tem o traço como suporte, sendo constituído deste. Desta



forma, o traço unário pode ser compreendido como uma marca de singularidade, da marca radical e singular de cada sujeito. Desta forma, compreende-se como o “significante não de uma presença, mas de uma ausência apagada que, a cada volta, a cada repetição presentifica-se como ausência. É aí que Lacan localiza o ponto radical, arcaico, suposto na origem do inconsciente” (RINALDI, 2008, p.61).

4. Considerações finais

Em vista das análises realizadas, compreendemos que tanto os antagonistas quanto os protagonistas fazem uso do discurso científico na narrativa da novela. Isso nos parece evidenciar o triunfo do discurso religioso, que, por um efeito da memória metálica, do acúmulo do dito e sua amplificação, esvazia sentidos do discurso científico e o ressignifica. Como explicitado na fala da jornalista que desliza entre duas formações discursivas, a do discurso religioso e a do científico, a transformação do empresário Ricardo Montana em um “deus real” na oposição à fábula e à tatuagem inteligente na tensão da marca digital/da besta. Nesses exemplos, também observamos o que pareceu o agenciamento do discurso religioso, ofertando sentidos unânimes, arrebatadores e apaziguadores.

Outro aspecto interessante a se notar é que a novela exibida em 2020 é uma reprise da edição de 2018, da Rede RecordTV. Sua veiculação se dá no cenário de atrito entre religião e ciência intensificado na conjuntura histórica e agravada pela crise sanitária, política, ambiental e científica do COVID-19. Sendo a obra artística proveniente de uma emissora marcada pela religiosidade, é curioso observar possíveis efeitos que a novela desdobrou ao agregar a figura da ciência e da tecnologia como obras de um “anticristo”, e o “povo escolhido” enquanto guerreiros da “santa resistência” (conforme é apresentado no capítulo 118) em uma era demarcada pelo negacionismo científico.

Os números e o alcance da emissora, abertamente cristã, parece nos dar o vislumbre daquilo que Lacan (2005a) apontou. O momento histórico, acentuado por todas as suas particularidades, convoca tanto a angústia nos sujeitos quanto a necessidade de provisão de sentidos completos, unos e unânimes, como os entregue pela religião em seu discurso religioso. Assim, mesmo não tomando Lacan como um profeta (apocalíptico), vislumbramos que sua profecia de 1975 parece se confirmar nos dias atuais com o triunfo da religião.

Referências



COELHO, P. M. F. Risco no disco: um estudo de caso da web novela brasileira.

Cuadernos.info, n.34, p. 197-210, 2014. Disponível em:

<https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-367X2014000100015&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 29 jul. 2020.

ESTEVIÃO, I. R. Psicanálise e Arte como discursos do real: estudos sobre o corpo. *SOFIA*, Vitória (ES), vol. 6, n.1, p. 59-78, jan./jul. 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/11596/9870>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*. Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João, p. 13-32, 2007.

LACAN, J. *O Triunfo da Religião*. Trad. A. Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2005a,

LACAN, J. *O simbólico, o imaginário e o real*. In: _____. *Nomes-do-pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005b.

MARQUES, D. P.; LISBÔA FILHO, F. F. A telenovela brasileira: percursos e história de um subgênero ficcional. *Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)*, v.1, n.2, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3930>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

ORLANDI, E. P. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. *RUA [online]*, v. 16, n.2, 2010. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638816>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (1969). In: GADET, F.; HAK, Tony (Orgs).. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana Mabel Serrani. 5. ed, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

RECORDTV. Telenovela Apocalipse, 2020. Disponível em:

<<https://recordtv.r7.com/apocalipse>>. Acesso em 27 jul. 2020.

RINALDI, D. O traço como marca do sujeito. *Estudos de Psicanálise*. Salvador, n.31, p. 59-63, out. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n31/n31a08.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SOUSA, S. P. *A biblioteca infantil de Figueiredo Pimentel: tradução e adaptação de narrativas populares na segunda metade do século XIX*. 2017. 99 f. Monografia (Licenciatura em Letras), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2017.